

Plataforma – Favorecer qualidade dos programas de pós-graduação da EPUSP

23 de Abril de 2018

Introdução

Explicitamos nos parágrafos que seguem os compromissos e diretrizes da chapa formada pelo Prof. Raul Gonzalez Lima e pelo Prof. Galo Antonio Carrillo Le Roux para a presidência e vice-presidência da Comissão de Pós-Graduação da EPUSP. Pleiteamos uma re-eleição. O Prof. Raul foi coordenador do Programa de Engenharia Mecânica e o Prof. Galo é o atual coordenador do Programa de Engenharia Química, notas CAPES 5 e 7, respectivamente. Ambos são professores titulares e serviram como presidente e vice-presidente da comissão de pós-graduação por dois anos.

Contexto

No próximo mandato contemplamos oportunidades, como o incentivo à internacionalização e o evento dos grandes projetos de pesquisa em engenharia que envolvem muitos dos nossos programas e contemplamos desafios como as anunciadas modificações na metodologia da avaliação Capes e a realidade de termos alguns dos nossos programas com avaliação 4 pela Capes.

O edital PRINT da Capes poderá destinar 37 milhões de reais para o incentivo da internacionalização dos nossos programas, notas 4, 5, 6 e 7. É uma realidade que a indústria nacional e internacional vem firmando parcerias de pesquisa cada vez mais vultuosas e duradouras com nossos laboratórios de pesquisa. As grandes escolas de engenharia do mundo demonstram grande empenho em ser e parecer parceiros confiáveis na geração de novos conhecimentos frente à indústria e frente a governos. E, lamentavelmente, ainda não se refletem na nossa Pós-Graduação, estes sucessos na área da pesquisa. Entraves pseudo-legais e burocráticos distanciam nossa Pós-Graduação das atividades de pesquisa que, na maior parte dos casos, vem sendo desenvolvida, por membros docentes e discentes da Pós-Graduação.

Por outro lado, a diretoria de avaliação da Capes vem anunciando a necessidade de revisão da metodologia de avaliação da Capes. Em recente

análise, a Profa. Linda Hoo descreve o baixo poder de classificação dos itens da avaliação Capes a julgar pelos histogramas de cada item em função da classificação Capes. Graças à coordenação do Prof. Reinaldo Giudici da área de avaliação Engenharias III, foi possível observar que muitos dos índices de desempenho da avaliação Capes aumentam cerca de 20% em cada um dos últimos três períodos de avaliação, levantando a questão se estes índices refletem programas reais. Há, portanto, sinais de desgaste da metodologia atual. Nestas condições, torna-se imperativo buscar a qualidade *em si* dos nossos programas de Pós-Graduação.

A presidência e vice-presidência da Comissão de Pós-Graduação têm papel importante na interlocução com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e com a Capes. Deve estar ao par dos aspectos não republicanos da avaliação Capes, e dos procedimentos internos dos nossos programas. Atenção aos nossos procedimentos de formação de bancas e atenção às informações privilegiadas, normalmente acompanhadas de omissões de critérios nos documentos de áreas de avaliação da Capes, que somente alguns programas no Brasil tem acesso.

Qualidade e indicadores

O compromisso essencial é favorecer a qualidade e o *impacto* em si. Aqui *impacto* abarca os aspectos científico, tecnológico, econômico e social e é diferente de fator de impacto, que é indicador de qualidade de periódicos. Os indicadores da avaliação Capes são simples e objetivos e não abarcam a complexidade do capital humano. Canalizar, ou pelo menos não dispersar, as ações do capital humano da pós-graduação para a melhoria da qualidade e *impacto* é uma das tarefas da CPG. Não nos parece ético substituir qualidades de um programa de pós-graduação por meros indicadores destas qualidades.

Monitorar os programas com frequência em relação à área

A Capes deixa claro nos seus documentos que a avaliação será sempre mutante. Mudam, com frequência, *função objetivo* da avaliação Capes, as regras de financiamento, as regras de uso do financiamento(ex: siconv), as relações com a indústria (ex.: Petrobrás e Shell), as regras de financiamento Fapesp, os alunos que nos procuram, o regimento USP e o Qualis. O momento histórico de cada programa é distinto, os recursos de cada programa são distintos e os objetivos são distintos, por exemplo, temos mestrados profissionais e strictu-senso. Sábia é a diretriz da Diretoria da Escola Politécnica, de solicitar que cada programa relate com clareza seu status perante os programas similares do Brasil. Aprendemos, pelo caminho estreito, que

monitorar programas de Pós-Graduação de forma qualitativa, ou tomando como referência o próprio programa não é suficiente. Devemos monitorar os programas de forma quantitativa em relação aos programas similares. É nosso compromisso favorecer e viabilizar as iniciativas de nossos colegas Prof. Vitor Heloiz Nascimento e Prof. Marcos de Sales Guerra Tsuzuki no desenvolvimento de ferramentas que automatizam esta comparação quantitativa, seja utilizando a plataforma Sucupira, seja utilizando a plataforma Lattes.

Esta mutabilidade do regramento e da avaliação da Pós-Graduação não deve provocar injustiças aos nossos docentes e alunos. Cabe à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e à CPG evitar que ocorram injustiças relacionadas a regras que *mudam durante o jogo, ou após o jogo*.

Projetos

A iniciativa do pré-mestrado pode nos mostrar que aproveitamos de forma mais eficiente os recursos humanos da Graduação e a da Pós-Graduação se aproximamos os dois níveis de aprendizado. Permitir que alunos capazes e motivados da Graduação se beneficiem da Pós-Graduação é procedimento que deve ser testado e aprimorado.

Continuamos acreditando que o software de gestão de programas dá transparência à gestão administrativa de programas, evita extravios de documentos e demoras nas tomadas de decisões acadêmicas. Os grandes programas, por exemplo, com 200 orientadores, dão inequívoco testemunho da necessidade deste tipo de software. Continuaremos a viabilizar o desenvolvimento do software de gestão de programas.

As atividades da Extensão podem nos indicar o norte ético na tarefa de manter nas atividades da Pós-Graduação relevância social, direta ou indiretamente. A missão da Escola Politécnica depende de ser e parecer socialmente responsáveis, ser e parecer geradores de conhecimento. Devemos manter a Pós-Graduação aberta para as contradições que a sociedade carrega. Como poderíamos influenciar nas questões de saúde, violência e analfabetismo?

Seguindo a diretriz da diretoria e o exemplo da PRPG, estamos comprometidos no desenvolvimento de software para análise e extração de dados quantitativos sobre programas de Pós-Graduação do Brasil.

Nossas teses e dissertações podem se beneficiar da multidisciplinaridade, se fosse possível a dupla-titulação entre unidades. A título de exemplo, temos poucas teses de médicos na Escola Politécnica porque, depois de tanto trabalho, como o médico usaria o título de Doutor em Engenharia? Em qual concurso este título seria aceito? Mas, e se, ele pudesse receber um título conjunto, Doutor em Engenharia e Doutor em Medicina? Como seria o novo regramento?

Em síntese

O compromisso é de promover a qualidade *em si* dos programas através de respeito ao capital humano, diversidades de estratégia, fomento à infraestrutura de gestão, modernização do regramento na USP, atuação harmônica com departamentos, administração central, membros docentes e discentes. Claramente, a Pós-Graduação é mais eficiente na interação com a Pesquisa, com a Extensão e com a Graduação, *juntos, pero no revueltos*, é necessário manter a missão específica e a comunicação.

Prof. Raul Gonzalez Lima

Prof. Galo Antonio Carrillo Le Roux